

**PROMARTE**  
apresenta

# A HERANÇA de VIÚVA

Realização  
**Sol Carvalho**

História de:  
**Joanna Smith**  
**Sol Carvalho**

Argumento:  
**Joanna Smith**

**Nota:** Versão final

Friday, 3 September 1999

## **AS VIUVAS**

É muito frequente, por todo o País, mas particularmente na Província de Inhambane, que a mulher que fica viúva seja rapidamente acusada de feitiçaria, assim que uma segunda desgraça acontece à família.

A razão é simples: As viúvas são, perante a lei, as novas proprietárias da terra onde viveram com os maridos. Essa terra é largamente cobiçada pelos restantes familiares que criam, com essa acusação, a base para que elas sejam expulsas das suas casas.

Essas mulheres são muitas vezes deixadas ao relento, abandonadas à sua sorte. O que trazemos para este filme é a sua voz...

## **ESTA HISTÓRIA**

Esta história foi construída, a partir do relato de 14 viúvas de Inhambane a maioria das quais se encontra agora no Centro da Velhice da Acção Social, chamada a Casa das Amigas.

Foi seguida principalmente a história de uma delas, tendo sido introduzidos elementos de outros relatos que nos foram feitos.

Exceptuando os factos passados com o personagem Rungo, introduzido por necessidade de dramatização, todos os factos aqui relatados são verdadeiros.

## **SINOPSE**

**Amélia** é uma viúva, actualmente a viver num centro de apoio à velhice na Província de Inhambane. **Laurinda**, uma funcionária do centro, informa-a de que vai receber a visita do genro e ela fica nervosa. Depois de alguma insistencia, **Amélia** decide contar a Laurinda a história da sua vida. O filme voltará por algumas vezes a este cenário.

Quando o marido morreu repentinamente, Amélia foi pedir apoio a sua nora, **Beatriz**. Beatriz acusou-a de ser ela a culpada da morte do sogro... ela queria ficar com as propriedades e tinha inveja dos terrenos que Amélia e o falecido possuíam.

O filho **Moisés**, dominado por **Beatriz**, tenta reagir às acusações da mulher sobre a sua mãe mas uma doença do filho, **Fabião** (provocada pelo facto de este ter começado a fumar) bem como a acusação de **Mbuata**, o curandeiro, fazem-no acreditar de que sua mãe estava de facto enfeitiçada.

Amélia cumpre ainda um ultimo desejo de Kwuamba e guarda algumas economia do casal num esconderijo. O desejo do marido era de que o dinheiro fosse entregue ao membro da família da sua escolha.

Amélia é obrigada a recorrer a sua filha **Luisa** que a aceita apesar da oposição do marido, **Raul**. Luisa acha que Amélia será mesmo útil para a pequena filha deles, **Maria**, que gosta bastante da avó.

De novo uma doença nela (o estomago está a inchar cada vez mais) e na criança sua única filha (que estará com uma qualquer indisposição) faz com que Raul acabe por decidir ir colocar Amélia debaixo de um cajueiro deixando-a completamente à sua sorte.

Amélia é ajudada por Maria às escondidas do pai que acaba por descobri-la. A avó tem então que se arrastar para a estrada principal onde tenta apanhar uma boleia para o hospital. É aí que conhece **Rungo**, um apanhador/comerciante de cocos que, sendo conhecido por ser maluco, acaba por ser de uma grande ajuda para ela.

Na caminho reencontra Luisa que, entretanto, tinha vindo procurá-la. Luisa e Rungo tornam-se amigos ao longo do caminho para levar a velha até ao hospital.

Curada, Amélia, fica sem ter para onde ir e torna-se pedinte nas ruas de Inhambane. Quando reencontra Rungo acaba por lhe pedir para ir para a CASA DAS AMIGAS, uma instituição para velhos e viúvos.

Na viagem de regresso tem ainda tempo para passar na sua antiga propriedade e repara que tudo está em ruinas. A sua família acabara por destruir tudo o que Amélia e o marido tinham conseguido. Rungo terá que distrair Fabião de modo a que Amélia consiga desenterrar o seu dinheiro.

Amélia acaba a sua história, bastante perturbada com o facto de o seu cunhado (que afinal a tinha colocado debaixo do cajueiro) a ir visitar. Laurinda insiste que ela não é obrigada a receber a família.

Mas, chegada a hora, é grande a surpresa de Amélia. Afinal quem chega é Maria, a neta, Luiza a filha e ....Rungo. Refeita a surpresa, Amélia fica a saber que Raul terá morrido de Sida e que Rungo é um eventual pretendente a um novo lobolo. Que ela ajudará a colectar....

## **PERSONAGENS**

### **AMÉLIA**

Personagem principal (O filme é a história dela)  
Viuva. Doméstica, depois pedinte e depois residente do Centro  
Cerca de 65 anos.

Uma pessoa calma que fala devagar.  
Tenta sobreviver aos azares da vida mas sabe que é uma luta desigual. Tem a ideia de que esse sofrimento é o seu destino. Acredita em curandeiros mas também sabe que eles são capazes de ser oportunistas. Desiludida com a vida, aceita preparar-se para morrer e reganha depois a esperança

Pequena e um pouco magra, anda vestida com roupas velhas quando está no centro. Durante o flash back vê-se uma degradação do seu modo de vida ao nível do vestuário.

### **LAURINDA**

Personagem menor  
Trabalhadora no Centro  
Cerca de 25 anos.

Uma pessoa doce, calma e agradável. Revela amizade pelos velhos.

Fisicamente, bem parecida

### **BEATRIZ**

Personagem principal  
Nora de Amélia. Camponesa  
Cerca de 35.

Enérgica, oportunista, domina o marido e culpa-o por toda a má sorte da família. Temperamento agressivo (com o marido e com a sogra) e cínico (com o filho e os visitantes)

É grande e um pouco gorda. É pobre mas tenta escondê-lo através do penteado e de joalharia falsificada.

## **MOISÉS KWAMBA**

Personagem principal

Filho de Amélia, marido de Beatriz. Camponês

Cerca de 38.

Caracter fraco. É um passivo. Um marido que não tem poder sobre a sua mulher. Acredita realmente que Amélia está enfeitiçada embora tente ser justo com ela. Não olha de frente para as pessoas

Fisicamente mais fraco de que Beatriz.

## **FABIÃO**

Personagem secundário

Filho de Moises e Beatriz. Estudante

12 anos.

É um jovem mau e mal educado. Quer ser o grande homem que o pai não é. Aproveita o carinho da mãe.

É razoavelmente bem feito

## **MBATA**

Persoangem secundário

O curandeiro.

Cerca de 60.

É um bom profissional mas defenderá os interesses daqueles que lhe pagam.

Um velho fisicamente normal que usa quase sempre diversos amuletos de feitiço.

## **LUÍSA**

Personagem principal

Filha de Amélia, mulher de Raul. Doméstica

33 anos.

É uma amiga da mãe e não acredita que ela seja culpada. Pessoa de caracter afável.

Não concorda com as tradições. Luta contra o marido mas aceita o domínio dele.

Mulher moçambicana normal. Tem boa aparenceia.

## **MARIA**

Personagem secundário  
Neta de Amélia. Estudante  
10 anos

Gosta de histórias tradicionais e acredita em todas as fantasias. Gosta da avó. Gosta do pai pelo que é facilmente manipulada por ele.

Pequena e magra.

## **RAUL**

Personagem principal  
Marido de Luísa. Construtor de palhotas  
Cerca de 40

Caráter forte e decidido. Trabalhador mas machão. Acredita que Amélia está a trazer má sorte à família e está preocupado com a sua segurança. Mas ao mesmo tempo vai às prostitutas.

Bem feito e forte. Razoavelmente bem vestido tem um fato com que trabalha na construção das casas

## **RUNGO**

Personagem forte  
O vendedor de cocos.  
Cerca de 40

Está sempre de bom humor e é de bom coração. É um pouco louco e excentrico.

Tem uma aura física forte. Razoavelmente bem vestido

# GUIÃO

## Sequência 1

**Centro dos Idosos.**

**Fim de tarde. Exterior**

**Amélia, Laurinda, Velhos**

Et: 80

O sol atravessa o fumo que sai do fogo  
Vários velhos cozinhama (Cada casa tem dois velhos e o fogo está em frente da porta)  
Outros velhos estão sentados na frente das suas pequenas casas, não fazendo nada.

**Amélia** está sentada sózinha numa esteira fora de uma pequena casota.

Uma trabalhadora do Centro, **Laurinda**, caminha até **Amélia** e dá-lhe um prato de Xima.

Abaixa-se junto dela e falha-lhe gentilmente

**Laurinda** - Boa tarde, Amélia.

**Amélia** - Olá, Laurinda.

**Laurinda** - Oiça, tenho novidades para si. A sua família contactou-me hoje.

**Amélia** fica em choque.

**Amélia** – O quê? Luísa e o meu genro? Como é que eles sabiam que eu estava aqui?

**Laurinda** – Não tenho ideia. Sabe como é: As notícias viajam nestas paragens...

**Amélia** está nervosa.

Mexe na comida

**Laurinda** – Qual é o problema, Amélia? Eles querem saber se quer ir viver com eles.

**Amélia** - Não! Não quero...

**Laurinda** - Qual é o problema? Eu pensei que havia de ficar feliz por ouvir falar deles depois de tanto tempo...

**Amélia** não diz nada... continua a remexer na comida

**Laurinda** – Peço desculpa se isto a zangou tanto. Mas é isso que eu lhe queria dizer, Amélia: O seu genro e a sua filha vêm visitá-la. Amanhã!

**Amélia** não diz nada.  
Ela mexe na comida para a frente e para trás.  
Laurinda olha com espanto e prepara-se para retirar  
Amélia levanta a cara a chama-a.  
Laurinda regressa para junto dela

**Amélia** - Laurinda, deixa-me contar-te o que aconteceu naqueles anos. Quero que percebas porque é que não posso ir com eles.

**Laurinda** senta-se perto de **Amélia** na esteira

**Amélia** – Tudo começou no dia em que o meu marido morreu....

Camera aponta para o chão

**Sequência 2**  
**Casa de Beatriz**  
**Tarde. Exterior**  
**Amélia, Beatriz, jovem rapariga**

ET: 55

No chão está escrito um sub-título – **Algum tempo antes...**

**Amélia** corre através dum caminho entre os coqueiros.  
Está bastante aflita e chora.

**Amélia** - Beatriz! Beatriz! Ajuda-me!

Chega a um conjunto de palhotas em más condições.  
Uma mulher mais jovem está sentada do lado de fora de uma das palhotas, numa esteira, com uma jovem que trança o seu cabelo.

**Beatriz** – Qual é o problema, sogra? O que aconteceu?

**Amélia** – O teu sogro, Beatriz! Encontrei-o estendido no campo... agora mesmo... está morto... Deus me ajude!

**Beatriz** - Morto! Não acredito! O que aconteceu?

**Amélia** – Eu não sei, eu não sei... ele já estava estendido quando eu o encontrei...

**Beatriz** levanta-se apenas com metade do cabelo feito.

Encaminha-se para ela.

Olha na cara.

Amélia chora e olha-a com ar de súplica

Beatriz mostra um rosto zangado.

Volta-lhe as costas e dirige-se à palhota batendo com a porta.

**Amélia** – Beatriz!

De dentro da palhota:

**Beatriz** (eco de uma voz a falar para si própria) – Feiticeira! Tu mataste-o!

**Sequência 3**

**Palhota de Beatriz**

**Noite. Exterior**

**Beatriz, Moisés, Amélia, Luisa, Raul, Extras**

ET: 70

Fusão para a mesma palhota à noite.  
Uma fogueira grande arde no pátio das palhotas.  
**Beatriz** está sentada fora,  
Está rodeada de figuras de que só vemos a sombra.  
Algumas mulheres cochicham entre elas.

Um pote barato e velho está ao lume.  
Algumas pessoas chegam e consolam **Beatriz**

Chegam **Luisa**, a outra filha e **Raul** o genro.

Abre-se a porta da palhota.  
Dentro está um candeeiro de petróleo.  
O corpo do velho é visível numa cama baixa dentro da palhota.

O marido de **Beatriz**, **Moisés**, chega com **Amélia** que, vestida de luto, caminha na sua frente.  
**Moisés** trás dois patos que vêm da casa de Amélia.  
**Amélia** parece estar em choque,  
Fica espécada na porta do quintal

**Moisés** – Aqui está a minha mãe, Beatriz.  
**Beatriz** – Trá-la para aqui!

**Moisés** trás **Amélia** através da palhota  
Entrega os patos à sua mulher.  
**Amélia** chora.  
Quando vê o corpo do marido dentro da palhota começa a chorar ainda mais forte.

**Amélia** - Oh não! ...eu nunca poderia fazer-lhe mal...  
**Beatriz**: Feiticeira! Tu mataste-o com os teus feitiços!

**Beatriz** vai até à palhota e aponta para dentro.

**Beatriz** – Que pensas que ias ganhar com isso?

**Beatriz** entra dentro da palhota e acende mais a luz.

Faz gestos para **Moisés** para este levar **Amélia** para dentro.

Encontram-se na porta

**Beatriz** empurra **Amélia** para a palhota.

**Amélia** resiste. **Luisa** chega junto da mãe e consola-a

**Luísa** - Mãe, não chores.

**Amélia** chora

**Amélia** – Luisa, ajuda-me minha filha... Não me façam isso.

**Amélia** avança para dentro da palhota, empurrada por **Beatriz**.

**Beatriz** fecha a porta por fora atrás dela.

**Beatriz**: - Dorme com a tua carne!

O grupo começa a entoar uma canção.

**Beatriz** mata os patos para o pote.

Fade out

**Sequência 4**

**Caminho 0. Casa de Amélia**

**Nascer do dia. Exterior e Interior**

**Beatriz, Fabião**

ET: 80

**Beatriz** caminha ao longo do carreiro.

**Fabião** está num coqueiro e vê a mãe passar.

**Beatriz** não o vê.

**Fabião** decide segui-la.

**Beatriz** chega a casa de Amélia. Esta casa está em muitos melhores condições que a de Beatriz.

É uma casa de alvenaria, rodeada de árvores de fruto.

Há vários sinais de abundância e de trabalho duro: Galinhas e porcos, cabritos...

uma boa machamba...

uma pilha de cocos...

lenha para o lume...

utensílios de cozinha e...

uma mesa de madeira.

**Beatriz** passeia por ali inspeccionando as coisas do velho casal.

Entra na casa.

Quando sai com uma grande panela de alumínio, **Fabião** está lá e surpreende-a.

**Beatriz** – Oh, que fazes aqui?! Eu preciso disto para toda

aquela gente que está à espera de ser alimentada. (*hesita e sorri*) Vem cá. Quero mostrar-te uma coisa.

Entram na casa.

**Beatriz** – Olha para todas estas coisas que Kwamba comprou! É demais para uma velha!

Apanha um pequeno rádio e sintoniza-o até que encontra alguma música de dança.

O filho começa a dançar enquanto ela aplaude, rindo.  
Vem para fora da casa.

**Beatriz** - Porque é que não ficas aqui a brincar?

Ela volta ao longo do carreiro com a música tocando no rádio.

**Fabião** entra dentro da casa, encontra um pedaço de tabaco (tabaco tradicional) e alguns fósforos.

Vai para a parte de trás da casa, verifica que ninguém está a ver tenta fazer um cígero e acendê-lo.

Engasga-se com o fumo.

Tenta depois mascar o tabaco e torna-se a engasgar mas engole um pedaço.  
Continua a tossir

### **Sequência 5**

**Casa de Beatriz**

**Manhã. Exterior**

**Beatriz, Moisés**

ET: 70

**Beatriz** está a apanhar limões de uma árvore.

**Moisés** chega.

**Moisés** - A mãe foi para casa dela. Ela está mal...tenho pena dela....Mas começo a ficar. O Fabião estava a tossir esta manhã. Parecia que era sério ...

**Beatriz** - Nunca aconteceu antes... eu te digo que ela traz má sorte para a nossa família. Vamos começar a ter problemas!  
Olha o teu filho...

**Moisés** - Parecia realmente mau...

**Beatriz** - Quem sabe o que ela será capaz de fazer a esta família? Eu já te disse, Moisés – vamos livrar-nos dela!

**Moisés** - O quê?

**Beatriz** - Vamos tirá-la de casa do papá. De qualquer maneira, é muito grande para ela agora que ele morreu. Ela não pode tomar conta de tudo.

**Moisés** - Não, espera, espera... eu vou chamar o curandeiro. Quero saber o que é que está realmente a acontecer

**Beatriz** - O que está a acontecer é que esta é a terra da tua

família, a casa da tua família. Lembra-te: É a tua herança. Não é dela. Ela já não pertence à família Kwamba.

**Moisés** - Não, mulher, não. Espera. Eu vou ao curandeiro. É melhor desta maneira...

**Beatriz** – (com desprezo) Se queres assim. Mas fala com ele Moisés. Diz-lhe como as coisas estão.

**Moisés** começa a ir-se embora.

A mulher chama-o

**Beatriz** – Não te esqueças de lhe contar acerca do Fabião!

**Moisés** acena com a cabeça e segue caminho.

**Beatriz** chama-o de novo:

**Beatriz** - Moisés! Leva um dos cabritos da velha para lhe ofereceres!

Moisés faz sinal que já comprehendeu. Vira o caminho em direcção ao curral  
Beatriz vira-lha as costas furiosa

**Sequência 6**

**Casa do curandeiro.**

**Tarde. Exterior.**

**Moisés**

ET: 40

A palhota do curandeiro está isolada numa parte densa da floresta.

**Moisés** caminha levando o cabrito por uma corda.

O cabrito foge e **Moisés** corre atrás dele.

Finalmente apanha-o, chega à casa e amarra o cabrito fora.

**Moisés** - Hodi!

A porta abre-se e **Moisés** encaminha-se para o interior.

Camera caminha para o escuro da porta

**Sequência 7**

**Casa de Amélia.**

**Tarde. Exterior/ Interior**

**Amélia**

ET: 160

Milho no pilão (Plano inicial a partir do escuro da base do pilão).

**Amélia** está no quintal.

Alimenta os animais.

Carrega um pote vazio para as traseiras da casa.

Nas traseiras, na sombra de uma árvore está um cesto de palha, meio acabado.

Ela pega na parte do cesto e tem uma recordação

**(flashback)** As mãos do marido a fazê-lo  
As mãos atrapalham-se com a palha  
Mão de Amélia pega num pedaço de palha e dá ao marido

**Kwamba** (off) – Obrigado! Eu sempre precisei das tuas mãos.  
**Amélia** (off) - Uma mão ajuda a outra

Cerra os olhos para evitar chorar. Limpa uma lágrima com a capulana.

Levanta-se, decidida e caminha para o interior da casa.

Em cima da cama está uma velha fotografia em sépia do casamento dela com Kwamba.

Amélia tira a fotografia e a parede mostra um pequeno buraco.  
Tira um pequeno saco para fora.  
Senta-se na cama e desembrulha o saco que está amarrado por um cordão  
Dentro está im pilha de notas e uma anel em prata  
Olha para a foto

**Amelia** (off) - Kwamba não era dessas pessoas que bebia o dinheiro que ganhávamos. Muitas vezes ele sentava na cama e contava o pouco que tinhamos poupadão. Um dia ele chamou-me e disse-me: Amélia se eu morrer antes de ti, usas este dinheiro com cuidado. Usa-o para bem da família. Eu sei que não o vais desperdiçar. Eu acho que ele pensava que o dinheiro me protegeria depois da sua morte

Apanha o dinheiro e o anel e encontra um garrafão.

Amarra tudo outra vez e sai da casa, passando pela cozinha onde apanha uma enchada.

Caminha ao longo do carreiro que vai dar à estrada  
Desvia-se para o pé de uma árvore grande e faz uma cova perto das raízes.  
Pega num garrafão e coloca o dinheiro dentro. Faz um buraco, poe o garrafão, tapa-o e limpa bem a areia colocando alguns arbustos em cima.  
Regressa a casa  
Apanha o pilão e começa a pilar em frente da casa

### **Sequência 8**

**Casa de Amélia.**

**Fim de Tarde. Exterior**

**Amélia, Mbata, Moisés, Beatriz, Fabião**

ET: 160

Camera sobe do pilão para o carreiro

**Beatriz, Moisés** e o curandeiro, **Mbata**, chegam a sua casa.  
**Moisés** dirige-se para **Amélia**

**Moisés** – Mãe, trouxemos o Mbata.

**Amélia** – Estou muito satisfeita de te ver Mbata. Benvindo. Agora penso que poderemos resolver isto de uma vez por todas.

**Amélia** vai buscar bancos e uma esteira.

**Amélia** – Por favor, sentem-se.

**Mbata** e os outros sentam-se.

**Moisés:** (*triste e envergonhado*) - Mãe, eu já consultei Mbata. Está tudo claro agora

**Amélia** - Gracas a Deus!

**Moisés** - Espera mãe, Mbata diz que tu tens problema...

**Beatriz** - Foste tu que causaste a morte de Kwamba. E estás a tentar matar o meu filho também. Foi isso que disse Mbata.

Há um espírito dentro de ti que não consegues controlar.

**Amélia** - Não, não é verdade!

**Moisés** - Mãe, nunca vi o Mbata enganar-se...

**Amélia** - Eu nunca fiz mal a ninguém! Porque é que eu havia de querer matar o meu marido?

**Beatriz** - Só tu podes saber... mas já disse, é o espírito que está dentro de ti...

**Moisés** - Mãe!. Mbata está aqui para libertar esta casa dos maus espíritos.

**Mbata** - Tragam-se uma galinha. Aquela gorda ali!

**Beatriz** vai e traz-lhe a galinha.

Os tambores iniciam a música.

**Mbata** começa a cerimónia de purificação, com a galinha na mão

Anda à volta da casa e do quintal

“Colecta” maus espíritos.

Põe a sua mãos nas árvores...

Ferramentas...

Partes da casa...

puxa os espíritos e empura-os contra o corpo da galinha!...

Todo o grupo vai até ao final do quintal.

**Mbata** mata a galinha.

Espalha o seu sangue através do recinto do pátio de Amélia.

**Mbata** – Agora esta casa está livre do maus espíritos. Mas existe um mau espírito aqui...(a tocar em *Amelia*) um espírito forte.... Ele pode criar problemas a qualquer altura.

Se ele aparecer, eu terei de vir!

**Beatriz** olha para **Moisés**

**Moisés**: - Obrigado, Mbata.

**Beatriz**: - Obrigado

**Mbata** olha para o fundo do quintal onde está o curral de cabritos.

**Moisés** vai buscar um cabrito e entrega-o a Mbata.

O curandeiro vai-se embora com o cabrito.

**Amélia** mantém-se sentada no chão, chorando.

**Amélia** - Moisés! Filho! Ajuda-me! Não é verdade...

Corre para a casa.

**Beatriz** (para Moisés): - Ela deve sair daqui antes que faça mais algum mal à nossa família!

**Moisés** – Espera. Ela precisa de preparar as coisas dela. Dá-lhe algum tempo.

**Beatriz** – Ainda te vais arrepender...

**Moisés** – Beatriz, chega! Ela é minha mãe...

### **Sequência 9**

**Casa de Mbata/ Casa de Beatriz.**

**Noite. Exterior / Interior**

**Mbata, Beatriz, Fabião**

ET: 40

Grande tempestade

**Mbata** está fora da sua casa, completamente molhado, com os braços abertos.

Dentro da casa de Beatriz, **Fabião** tosse.

Um relâmpago cai numa das árvores perto da casa de Beatriz.

A árvore fica em chamas.

**Beatriz** sai para a casa e vê algumas das suas coisas a arderem

**Beatriz** – Moisés! Moisés! Ajuda-me!

### **Sequência 10**

**Casa de Amélia**

**Tarde.**

**Amélia, Moisés, Beatriz, Fabião**

ET: 50

**Moisés, Beatriz e Fabião** chegam a casa de **Amélia**.

Chamam-a e ela sai.

**Beatriz** manda **Fabião** ir brincar no mato

**Moisés** - O que aconteceu a noite passada?

**Amélia** - Que queres dizer? A tempestade foi horrível. Tiveram problemas em casa?

**Beatriz** - Estás a ver Moisés, Moisés, ela sabia!

**Moisés** - Desculpa, mãe, mas ouviu o que Mbata disse. Que posso fazer? É melhor para toda a gente que a senhora vá ...

**Amélia** - Estás a mandar-me embora?

**Moisés** - É o melhor para todos

**Amélia** - Esta é a minha casa... para onde posso ir?

**Beatriz** - Ah! Você há-de olhar por si, estou certa. Porque é que não vai para casa da sua filha? Tenho a certeza de que ela ficará contente por a ver...

**Amélia** – Mas Moisés...

**Moisés** baixa o olhar

**Amélia** vai para dentro da casa.

Depois de algum tempo **Beatriz** vai atrás dela.

Saem juntas – **Amélia** carrega algumas coisas amarradas numa capulana.

Olha pelos seus utensílios de cozinha.

Vai até ao portão do quintal. Olha de novo para trás

**Moisés** parece estar distraído com qualquer coisa e olha pelo canto do olho

**Beatriz** olha para as coisas que são deixadas para trás

**Sequência 11**

**Caminho 1**

**Fim de tarde. Exterior.**

**Amélia, Fabião**

ET: 60

**Amélia** vai caminhando pelo carreiro.

**Fabião** está escondido na floresta.

Atira uma pedra para as costas de **Amélia**.

Ela para por um momento mas depois continua.

**Fabião** foge.

**Amélia** caminha ao longo de uma estrada de areia.

Chega a um local onde está a carcassa de um carro, olha para dentro,

Procura alguns ramos para fazer uma vassoura rustica e limpa o interior do carro.

Atira a capulana para o banco de trás e entra para passar a noite

**Sequência 12****Casa de Luísa****Manhã. Exterior.****Luísa, Maria, Amélia**

ET: 73

Um conjunto de palhotas, bem mantidas, muito limpas.

**Luisa** e a sua filha, **Maria**, estão sentadas numa esteira preparando a comida juntas.

Maria dá um salto de repente e corre para **Amélia** que chega.

Amélia está completamente exausta.

**Maria** – Avó! Avó. Não sabia que vinha!

**Luísa**, levanta-se e avança também apressadamente para ela:

**Luísa** - Mãe! O que é que lhe aconteceu? Venha para aqui, senta na sombra. Deixa-me dar-lhe água

A velha bebe

**Luísa** – Que aconteceu?

**Amélia** - Luísa, eu não tenho palavras para o que me aconteceu. Deixa-me dormir um pouco. Deixa-me dormir. Só.

**Luísa** – Vá dentro e durma! Falaremos amanhã. Direi a Raul que a mãe está aqui!

**Amélia** entra dentro da palhota e deita-se na esteira.

**Maria** regressa ao pilão.

**Luisa** tem o sombrinho franzido.

Faz um gesto à filha para estar quieta...

**Maria** desaparece de quadro

**Sequência 13****Casa de Luísa****Manhã****Maria, Amélia**

ET: 30

**Maria** aparece em quadro

**Maria** anda à volta da avó, tentando acordá-la apesar de proibida de o fazer. Olha para a cara de **Amélia** de bastante perto.

Senta-se e começa a limpar a cara da avó com a ponta de um lenço.

**Amélia** abre os olhos.

As duas sorriem uma para a outra.

**Sequência 14**

**Casa de Luisa**

**Fim de tarde. Exterior.**

**Luisa, Amélia, Maria, Raul**

ET: 120

**Luisa** acende o lume e as duas mulheres sentam-se.

**Luisa** e **Amélia** estão em conversa profunda.

A criança dorme no colo de **Amélia**.

**Raul**, o marido de Luisa, vem chegando do serviço. Esta vestido com um macacão e traz algumas ferramentas.

**Luisa** levanta-se e aproxima-se dele no parrot onde ele guarda as ferramentas.

**Luisa** aponta para a mãe

**Raul**: - Isso é uma surpresa! O que é que trouxe a tua mãe aqui?

**Luisa** – É terrível o que lhe aconteceu! Kwamba morreu há tão pouco tempo...mas Moisés e Beatriz estão a acusá-la de ser feiticeira. Sempre a mesma história. Envolveram o curandeiro também...

**Raul**- Ah, eles consultaram o curandeiro...

**Luisa** – Sabes como é. Ele disse que ela estava a fazer o Fabião ficar doente também. Como se ela fosse capaz de fazer mal a uma mosca...

**Raul** – Então o rapaz ficou doente?

**Luisa** – Parece que sim. Raul, é sempre a mesma coisa: Alguma coisa que corre mal na família, é sempre culpa da viúva. Eles possivelmente querem pôr as mãos na casa de alvenaria...

**Raul** : Então quer dizer que ela vem viver aqui...

**Luisa** – Ela não tem nenhum sítio para ir. Onde é que ela pode ficar? De qualquer maneira será bom para Maria ter a avó aqui. Será uma grande ajuda para nós...

**Raul** – E se alguma coisa acontece a Maria?

**Luisa** – De que é que estás a falar?

**Raul** – Ninguem sabe o que se passou ali, Luisa...Eu não quero que ela traga má sorte à nossa casa...

**Luisa** – Raul, não fales assim!

**Raul** – Acho que seria melhor que ela procurasse outro lugar para ir!

**Luisa** – E para onde é que ela pode ir? Com certeza não pensas recusar...

**Raul** – Eu não sei. A unica coisa que sei é que não quero lutar contra os maus espíritos da família...

**Luisa** – Olha Raul, foi apenas Beatriz. Ela sempre teve o seu olhar naquela casa...

**Raul** – Pode ser que tenhas razão. Mas também podes ter a certeza de que eu vou saber o que se passou lá...

**Raul** e **Luisa** caminham e ele entra dentro da casa.

**Sequência 15**

**Casa de Luisa**

**Noite. Exterior**

**Amélia, Luisa, Maria, Raul.**

ET: 120

O lume está aceso e **Luisa** está a cozinhar.

**Amélia** e **Maria** estão sentadas perto uma da outra, ao pé do lume

**Amélia** está a contar uma história à neta...

**Amélia** – Era uma vez um pintainho. O pintainho tinha perdido a mãe e o pai e estava a sentir-se com frio e sozinho.

No parrot das feramentas, na sombra do lume, **Raul** está a afiar o machado.

Tem uma garrafa e um copo ao lado

**Amélia** - O pintainho começou a chorar porque estava com tanto frio e não tinha nenhum lugar para onde ir...

**Raul** continua a afiar o machado

**Amélia** - ... então, chegou uma vaca velha e disse: Eu vou-te ajudar, oh pintainho! Eu não te quero ver a morrer de frio... olha, nós fizemos um grande bocado de estrume. Vamos pôr-te lá e tu não vais morrer de frio...

**Raul** continua a afiar o machado.

Olha para **Amélia** através da sua filha

**Amélia** - ... então a vaca, pegou no pintainho muito cuidadosamente com a sua boca e colocou o pintainho no estrume. Depois, a vaca foi-se embora. Passado algum tempo, o pintainho começou a sentir-se muito melhor. Mas o problema era que agora ele não conseguia sair do estrume...

**Luísa** está distraída com a história e tem um pequeno sorriso nos lábios.

Raul continuar a afiar o machado sem olhar para ninguém...

**Amélia** - Então o pintainho começou a chorar de novo!

**Maria** - Coitado do pintainho!

**Amélia** - E então, quem é que havia de vir? Uma grande quizumba. E a grande quizumba disse-lhe: Não te preocipes pintainho, eu vou-te tirar daí. Então a quizumba, muito gentilmente colocou os seus lábios à volta do pintainho e tirou-o do estrume. Sabes o que aconteceu a seguir?

**Maria** - Não!

**Amélia** – Ela abriu a sua boca e engoliu inteirinha o pintainho!

**Maria** - Oh não!

**Amélia** - E sabes qual é a moral desta história?

**Maria** - Que tu não podes confiar em ninguém?

**Amélia** - Não..

**Luísa** - Que quando estás com problemas deves manter a tua boca calada?

**Amélia** - (*Hesita*) Bem, sim. Para mim é isso mesmo. (A velha começa a sorrir) Mas Kwamba costumava dizer que a verdadeira moral desta história era outra. Era assim: Aqueles que te levam para a porcaria nem sempre são os teus inimigos. E aqueles que te tiram da porcaria nem sempre são os teus amigos!

Todos riem

**Amélia** - Kwamba costumava gostar muito dessa. Nunca ficava cansado dela!

**Raul** faz descer o machado com força contra um tronco.

Todos olham com surpresa.

Raul olha o grupo de soslaio

Coloca água no copo e pega nele

### **Sequência 16**

**Bar**

**Noite. Exterior**

**Raul, Manuel, Extras, Prostituta**

ET: 82

Copo a ser levado à boca, agora com cerveja

**Raul** está num bar a beber.

**Raul** (*para o amigo*) – A tua mulher estava no funeral do velho Kwamba, não estava?

**Manuel** – Sim, ela disse que foi uma boa cerimónia. Como é que vai a viúva?

**Raul** – Não sabes? A minha sogra veio viver connosco... E eu não estou nada feliz com isso...

**Manuel** – Não estou surpreendido...

**Raul** - Porquê? Ouvista alguma coisa?

**Manuel** – Bom, ouvi que a tua sogra estava a criar problemas ali. O curandeiro disse que ela tinha um espírito ...

**Raul** – Afinal? E essa que eu ainda não sabia...

**Manuel** – Tens um problema nas mãos...

**Raul** – Ela vai ter que ir! Dá-me outra bebida!

**Manuel** – Eu não aturaria isso. Porque é que não provas de que és um filho de Inhambane?

**Raul** – Se for preciso é o que farei. Ela não vai controlar a minha casa.

**Raul** aparenta estar em baixo.

**Manuel** – Esquece isso por esta noite. O que tu precisas é de uma boa pele. Vai ali. Ela está livre.

A prostituta está à espera na porta da palhota.

**Raul** sorri, levanta-se e caminha em direcção à porta.

**Manuel** chama-o.

**Manuel** – Raul, é melhor usar protecção...

**Raul** – Estás a brincar? Julgas que como bananas com casca?

**Raul** entra na palhota.

**Sequência 17**

**Casa de Luísa**

**Manhã. Exterior**

**Raul, Maria**

ET: 60

Fade in

É manhã, atrás das palhotas.

**Raul** está a acabar de preparar alguma coisa para beber num concha de coco.

Chama a filha.

**Raul** - Olha, Maria. Podes levar isto à tua avó? Ela está na machamba e está com sede. Agora, atenção, não bebas nada disto está bem? Não é para crianças

**Maria** – Está bem, papá.

**Raul** - Ouviste?

**Maria** – Sim, papá.

**Maria** começa a ir-se embora...

**Raul** – Filha!

**Maria** – Papá?

**Raul** – Lembras-te daquela história que a avó te contou?

**Maria** – Sim.

**Raul** – Ela dizia que tu não devias contar a ninguém sobre os teus problemas. Sabes o que acontece aos meninos que fazem muito barulho?

**Maria** – Não, pai.

**Raul** – A Quizumba vem à noite e come-as. Assim mesmo como aconteceu ao pintainho.

**Maria** – E aqui há quizumbas não há?

**Raul**: Sim, por isso este é o nosso segredo. E eu não quero que a Quizumba te venha roubar de nós. Percebeste?

**Maria** – Sim, pai.

Pega com cuidado na cabaça e segue (camera aproxima-se da cabaça)

**Sequência 18**

**Caminho 2/ Machamba**

**Manhã. Exterior.**

**Maria, Amélia**

ET: 55

Camera acompanha a cabaça

**Maria** caminha ao longo do carreiro em direcção à machamba da família.  
Olha para trás com cuidado para ver se o pai a observa.

Leva a bebida à cara para a cheirar.

Dá um pequeno golo e não gosta cuspido imediatamente  
Engasga-se

**Amélia** está na machamba a plantar sementes.

**Amélia** - Olá.

**Maria** – Olá, avó. O papá disse-me para trazer isto pra si.

**Amélia** – O teu pai? Isso é simpático...

**Maria** – É uma bebida que não é para crianças.

**Amélia** - Ah sim? Bem, é mesmo o que preciso. Já não bebo sura há muito tempo.

Ela bebe.

**Amélia** - Queres ouvir uma adivinha?

**Maria** - ....Sim, Avó, desde que não seja sobre quizumbas...

**Amélia** - Porquê?

**Maria** - Tenho muito medo de quizumbas.

**Amélia** - Não precisas ter medo! Foi só uma história!

**Maria** - Mas as quizumbas comem crianças à noite..

**Amélia** (a sorrir) – Não, não é verdade! Quem te disse isso?

**Maria** – Foi o papá que disse.

**Amélia** – Bom, adivinha lá então: O que é que enterras numa cova para lhe dar vida?

**Maria** – Não sei... o que é?

Amélia abre a mão e mostra uma semente

**Maria** – Uma semente? Ah, claro – se puseres uma semenete na terra...

Maria agarra na semente e planta-a

**Maria** – Se a regares ela deverá crescer . A propósito tenho que ir buscar água. Adeus Avó

**Maria** dá um beijo na Avó e regressa a correr.  
A avó olha-a com ar suspeito e depois olha para a bebida.  
Passa a mão pelos lábios e bebe

**Sequência 19**  
**Casa de Luisa**  
**Meio-dia. Exterior.**  
**Maria, Amélia.**

ET: 40

Cabaça deitada em cima de uma mesa. Camera sai de plano fechado e abre para deixar ver **Amélia** deitada numa esteira na sombra de uma árvore.  
Queixa-se do estômago.

**Maria** está com ela

**Maria:** - Que se passa avó?  
**Amélia** - Oh não é nada. Apenas uma dor de estômago. Penso que foi o peixe que comi ontem à noite.  
**Maria** – Eu também não me sinto muito bem avó. Tenho vontade de vomitar. Talvez seja mesmo do peixe. Vamos ficar doentes juntas, está bem?  
**Amélia** – Está bem.

Maria deita-se ao lado da avó

**Sequência 20**  
**Poço/Caminho. Casa de Luísa**  
**Tarde. Exterior.**  
**Luísa, Raul, Maria**

ET: 60

**Luisa** está a apanhar água num poço perto.  
Avista o marido no caminho regressando do trabalho.  
Eles encontram-se e caminham juntos, **Luisa** transportando a água e **Raul** transportando as ferramentas.

**Luísa:** - Estou preocupada com a mãe e com Maria. Ambas estiveram doentes todo o dia. A mãe tem dores de estômago terríveis – está realmente a sofrer. E a pobre da Maria tem febre. Espero que não seja malária

**Raul** – Febre! Ele está doente também? O que é que eu te disse? É essa velha que está a trazer a má sorte dela para a nossa família. Ela já matou o teu pai – queres que ela mate a tua filha também?

**Luísa** – Raul, não fales assim! Eu penso que é só febre!

**Raul** – Tu pensas! Eu não quero esperar mais!

**Luísa** – Pelo menos espera alguns dias para ver se Maria fica melhor!

**Raul** – Então já será tarde!

**Luísa** – Então o que é que queres fazer?

**Raul** – Eu? Nada! Mas o que eu não quero é desafiar os espíritos!

**Raul** entra na palhota.

**Luisa**, preocupada, vai para a esteira do lado de fora.

**Maria** está a dormir e **Luisa** apalpa-lhe a cabeça.

**Amélia** está agarrada ao estomago e queixa-se.

O estomago dela está inchado.

**Luísa** – Não se preocupe mãe. Eu vou-lhe preparar um remédio. Vai ficar boa.

**Amélia** – Já nem sei se vale a pena ficar boa... é o meu destino!

**Luisa** – Não diga isso, mãe!

Luisa começa a pilar uma ervas num prato de madeira...

### **Sequência 21**

**Casa de Luísa. Caminho 4**

**Nascer do sol. Exterior.**

**Raul. Amélia. Maria.**

ET: 90

... que se transforma no sol que acabou de nascer.

**Luisa** vai para a machamba.

**Raul** sai da palhota.

Vai até à palhota de **Amélia** e sai carregando-a nos braços.

Ela está a queixar-se baixinho...

**Raul** (sussurrando) – É melhor ficar quieta!

**Maria** escondida atrás da porta da palhota.

Ela ouve o pai a ameaçar **Amélia**

**Raul** (off) – ...ou ainda trato do problema aqui mesmo!

**Raul** carrega **Amélia** pelo caminho.

À medida que vão desaparecendo, **Maria** sai cuidadosamente da palhota.

**Raul** e **Amélia** vão à frente.

**Maria** segue-os ao mesmo tempo que luta contra as dores de estomago febre e se tenta manter escondida.

Depois de algum tempo, **Raul** dá uma volta e embrenha-se na floresta

Deixa **Amélia** debaixo de uma grande árvore.

**Amélia** está verdadeiramente em dor, com o estômago inchado.

**Raul** - Vamos ver se se consegue salvar com as suas feitiçarias!

Regressa.

**Maria** observa-o à distancia.

Ela esconde-se atrás de uma árvore enquanto ele passa.

Segue-o até à palhota.

Vê o pai entrar na palhota.

Ela corre para a esteira e cobre-se com a capulana.

**Raul** sai da palhota e dirige-se a arvore para ir buscar água quando repara na filha:

**Raul** - O que é que estás a fazer aqui?

**Maria** - Estava quente na palhota papá.

**Raul** apalpa-lhe a testa.

**Raul** - A tua febre é ainda má, filha. O teu estomago ainda dói, não é? Mas não te preocupes, vais ficar boa agora... Vamos, é melhor voltares para dentro

Carrega a filha

**Sequência 22**

**Casa de Luísa.**

**Exterior. Manhã.**

**Luísa. Raul. Maria.**

ET: 75

Pequeno almoço debaixo da árvore.

**Luísa** e **Raul** estão a comer juntos.

**Luísa** - Mas, para onde é que ela foi? Procurei por todo o lado. Ela não pode simplesmente ter desaparecido...

**Raul** - Quem sabe? Talvez tenha ido para o hospital lá na cidade. Talvez ela não quizesse dar-nos mais trabalho.

**Luísa** levanta-se com alguma comida que leva para **Maria** dentro da palhota.

**Luísa** (para Maria) - Viste a tua avó esta manhã, Maria?

**Maria** - (Ela olha de relance para o pai) Não, mãe.

**Maria** começa a chorar.

**Luísa** - Não chores, Maria. Estou certa de que ela voltará. Penso que ela só saiu por um dia. Toma lá um pouco disto – Não tens comido nada estes dias. Vamos, come um pouco

**Maria** começa a comer lentamente e **Luisa** sai.

Maria ouve vozes de **Raul** e **Luisa** do lado de fora.

Ela espreita através da porta.

É claramente uma discussão.

Enquanto estão a discutir **Maria** pára de comer, poisa o prato de comida em baixo e coloca-a num pequeno pote.

Esconde o pote.

**Luisa** volta. O prato está vazio...

**Luísa** - Menina bonita!

Vai até à porta com o prato e fala para **Raul** zangada.

**Luísa** - Como vês, Raul, não era nada de sério. Ela já se está a sentir melhor.

### **Sequência 23**

**Casa de Luísa. Caminho 4.**

**Árvore**

**Manhã. Exterior.**

**Maria, Amélia.**

ET: 75

**Maria** verifica se está sozinha.

Pega na comida guardada no pote e uma cabaça vazia sai

Corre ao longo do caminho

Está cheia de medo.

Num riacho colecta alguma água para a cabaça

À medida que avança, vai olhando para trás dela.

Finalmente chega junto de **Amélia** que ainda está deitada debaixo da árvore.

A avó mal a reconhece. Está claramente com grandes dores.

**Maria** ajoelha-se ao pé dela

**Maria** - Avó! Eu trouxe-lhe alguma comida!

**Amélia** - Oh Maria! Que é que estás a fazer aqui?

**Maria** – Porque é que o papá te trouxe para aqui? Ele não gosta de ti?

**Amélia** - Como é que me encontraste?

**Maria** - Eu segui-te a ti e ao papá esta manhã. Olha, trouxe-te de comer e água.

**Amélia** - Deus te abençoe. Mas, o que vai acontecer se o teu pai te descobre?

**Maria** - Eu não direi nada. Senão, a quizumba vai-me comer.

**Amélia** - A quizumba?

**Maria** - O papá disse que a Quizumba come as crianças que falam muito...

**Amélia** - Ai sim? (pensativa...) Nem sempre... Agora vai, Deus há-de me ajudar não te preocipes.

**Maria** - Mas o que é que vais comer?

**Amélia** - Não te preocipes comigo! E tu? Estás a sentir-te melhor?

**Maria** - Um pouco.

**Amélia** - Graças a Deus. Olha Maria, é melhor que tu vás para casa agora. Vai depressa! Eu ficarei bem.

**Maria** - Está bem, eu vou, avó...

**Maria** relutante levanta-se.

Apanha uma casa de coco e transfere a comida

Acena para a avó e parte.

**Sequência 24**

**Floresta. Caminho 4**

**Manhã. Exterior.**

**Maria, Raul.**

ET: 20

**Raul** está na floresta a cortar madeira com o seu machado.

**Maria** está com medo, enquanto regressa ao longo do caminho

Espreita as árvores da floresta

Através das árvores **Raul** vê Maria caminhar ao longo do carreiro com o pote e a cabaça

**Raul** faz cair o machado com força, furioso.

O machado na árvore

**Sequência 25**

**Árvore**

**Manhã. Exterior.**

**Amélia**

ET: 30

**Amélia** comeca a tirar pedaços de comida que a neta trouxe.

(Começa o off)

Começa a vomitar e cai com a cabeça na areia

Abre os olhos

A sua respiração levanta pedaços de areia

**Amélia** (off) Até esse momento eu estava a começar a acreditar que eu realmente tinha trazido má sorte à família. Quase me pôs maluca – o pensamento de que eu poderia magoar as pessoas que eu mais amava no mundo. E o que doi ainda mais era que eu não conseguia controlar esse espírito que tinham posto dentro de mim. Debaixo daquela árvore eu sentia que já estava morta e enterrada na minha sepultura.

(continua o off)

Som de aves  
Começa a ter visões  
Vê Kwamba a fazer o cesto,  
As mãos dele trabalham. As mãos dela ajudam no nó.

**Off (Kwamba)**– Eu sempre precisei das tuas mãos.  
**Off (Amélia)** - Uma mão ajuda a outra

### **Flashback**

Vê Maria a trazer a bebida,

**Off** – O que é que enterras numa cova para lhe dar vida?

A mão a abrir com a semente.  
Vê Kwamba  
A semente transforma-se na pulseira  
A foto a ser retirada  
Mãos com o embrulho do dinheiro

**Amélia** - (off) Mas Maria e Kwamba mantiveram-me viva! Maria estava a crescer com amor e carinho e merecia o apoio que uma velha como eu lhe poderia dar. E eu pensava acerca daquela semente que eu tinha enterrado debaixo dumha outra árvore. Se eu desaparecesse, aquela semente nunca cresceria. Eu teria falhado no cumprimento dos desejos finais do meu marido. Teria perdido a nossa herança pessoal (própria)

Começa a tentar levantar-se  
Segura-se à arvore e tenta começar a andar...

**Amelia** - (off) Eu bem precisava de uma mão para me ajudar..

### **Sequência 26**

**Caminho 4, Casa da Luísa, Bar**  
**Fim de tarde. Exterior.**  
**Maria, Raul, Luisa**

ET: 45

Mesmo local do dia anterior. O monte de estacas já está arrumado.  
**Maria** vai correndo ao longo do caminho novamente com comida e água para sua avó.  
Olha continuamente para trás.  
Enquanto olha para trás, ela corre directamente contra o pai que se tinha colocado no meio do caminho.  
Maria grita em panico.

**Raul** - Malandra. Ouviste o que eu disse? Ouviste?  
**Maria** - (com medo) ...Sim.  
**Raul** – Sabes o que é que te pode acontecer agora? (ela não responde) Sabes?  
**Maria** - A quizumba... há-de vir e apanhar-me...  
**Raul** - Sim. A quizumba está muito zangada contigo agora. Eu tenho que ir encontrá-la. Mas se disseres alguma coisa sobre a tua avó, eu não vou conseguir pará-la. Estás a ouvir?  
**Maria** - (chorando) Sim...  
**Raul** - Agora Maria, vai para casa ajudar a tua mãe. Eu vou tentar encontrar a quizumba. Só a poderei encontrar de noite. Hei-de chegar tarde.

Eles vão em direcções opostas.

*Música do filme*

**Maria** vai chorando enquanto chega a casa. Esconde-se de **Luisa**

**Raul** encaminha-se para a casa da prostituta

Gargalhada no escuro da palhota...

**Sequência 27**

**Arvore**

**Fim de tarde. Exterior.**

**Amélia**

ET: 30

Grito de uma coruja.

**Amélia** parece estar muito fraca.

Começa a rastejar ao longo do caminho.

Vê-se que ela consegue chegar à estrada principal.

Está tão fraca que desmaia ao lado da estrada.

Cai a noite. Ela cobre-se com a capulana

**Sequência 28**

**Estrada.**

**Manhã. Exterior.**

**Amélia, Cobrador, Rungo, Extras,**

ET: 280

Passam caros.

As pessoas olham para **Amélia** deitada ao lado da estrada mas ninguém pára.

Finalmente um chapa bastante velho vai chegando numa cortina de fumo preto.

**Amélia** consegue acenar para o chapa.

O chapa pára pouco depois de **Amélia**.

Está completamente cheio de pessoas, cestos, potes, peixe etc. várias pessoas agarram-se como podem.

O colector de dinheiro salta para a estrada.

**Cobrador** - Suba! Vamos avó! Há muito lugar para mais um.

Alguns homens levantam-na e colocam-na no carro e ajudam-na no interior.  
Outras pessoas criam algum espaço para ela.  
O carro continua fazendo um barulho terrível e muito fumo...  
Amélia está com dores mas vai-se aguentando  
À medida que chega ao cimo da montanha, a cerca de um kilometro da Maxixe, o chapa avaria!  
As pessoas saem queixando-se.  
Colocam **Amélia** ao lado da estrada.  
Os passageiros começam a caminhar em direcção à Maxixe.  
O chapa fica ali com o cobrador que se vai deitar em baixo dele.

Sinal de passagem do tempo  
Passam carros.  
**Amélia** vai fazendo o melhor para lhes acenar.  
Finalmente um Thova Xita Duma vai-se aproximando, cheio de sacos de cocos.  
O homem que o puxa, **Rungo**, é ligeiramente gordo, de carácter extrovertido.  
Vai cantando à medida que se aproxima

**Rungo** - Ah! O que é que eu vejo aqui? Uma mulher com problemas...  
**Amélia** - Por favor, ajuda-me!  
**Rungo** - Fico muito feliz por chegar e salvar uma mulher. O meu nome é Rungo, o rei dos cocos.  
**Amélia** - Prazer em conhecer... oh, o meu estomago!

**Rungo** atira com alguns cocos para a estrada e cria algum espaço para colocar **Amélia**.  
Dá os cocos aos homem que está deitado debaixo do carro.  
Agarra um e corta-o com a catana e dá-lhe a ela

**Amélia** - Oh não faça isso! Eu não posso pagar-lhe.  
**Rungo** – Não se preocupe. Não imagina como eu estou cansado deles. Em como coco todos os dias.  
(Carrega-a ao colo e vai ajudando ela a acomodar-se no Tchova)  
O meu lume é feito de casca de coco, a minha casa é feita de folha de conqueiro. E veja como é o meu trabalho – eu vendo cocos no mercado lá em Inhambane. Estou farto de cocos. Fico muito contente por ver alguns pelas costas

Eles vão andando em direcção à Maxixe.  
**Rungo** tenta distrai-la da sua dor, cantando a sua cantiga sobre a loucura da vida

**Sequência 29**

**Maxixe**

**Tarde. Exterior.**

**Rungo, Luísa, Amélia, carregador2, extras**

**ET: 150**

Canção continua

Várias pessoas estão sentadas no porto esperando os barcos à vela.  
Entre elas está **Luisa**.

**Rungo e Amélia** aparecem à distância.

Enquanto **Rungo** e **Amélia** ainda estão distantes, um barco chega ao porto.  
**Luisa** levanta-se com a multidão para ir apanhar o barco

**Amélia e Rungo** vão progredindo devagar. O tchova bate num buraco e cai um saco

O **carregador** do barco vem para carregar **Luisa** mas esta deixa que uma velha siga primeiro.

**Rungo** para o Thcova e começa a descarregar os sacos  
O **carregador** regressa e leva **Luisa**.

**Rungo** repara que o barco vai partir e corre gritando para ele esperar.  
**Amélia** senta-se no Tchova com dificuldade.

**Rungo** tropeça e cai com o saco dos cocos.  
As pessoas do barco riem

**Luisa** olha para trásvê **Rungo**. Franze o sobrolho e olha mais distante  
Vê **Amélia** no carro

**Luísa - Mãe!**

**Luisa** diz ao homem para a colocar na água e corre para voltar a ter com a mãe.  
Passa por **Rungo** que a olha com atenção ainda sentado no chão

**Amélia - Luísa!**

**Luísa - Eu ia à cidade à sua procura!**

**Amélia - Oh, filha!**

**Luísa - Não imagina quantos centros de saúde eu já passei.**  
Olhe para si. Temos de a levar para o hospital.

**Luisa** dá alguma água a **Amélia** e começa a ajudá-la a sair do carro.

**Rungo - Deixe que eu faço isso**

**Amélia - Este é o homem que me trouxe aqui.**

**Luísa - Muito obrigado senhor. Quanto é que lhe devo?**

**Rungo - Ah, não é nada. (ri-se) Agora eu tenho uma nova mamã.**

**Rungo** Coloca um cadeado no tchova amarrando-o à ponte  
Chama jovens para o ajudarem a carregar os sacos.

**Luísa** (para Amélia) – Porque é que saiu sem dizer nada? Foi por causa do Raul?

**Amélia** (hesita) - Não, eu tinha de sair, querida.

**Luísa** – Mas porquê?

**Amélia** – Eu não queria morrer ali. Eu sei que não tens dinheiro para as cerimónias.

Os jovens caminham para o barco

**Rungo** carrega **Amélia** até ao barco que espera.

Volta e carrega **Luisa**.

**Rungo**: (*deverá haver uma expressão de prazer*) - Esta é uma mudança muito boa em relação aos cocos!

**Sequência 30**

**Barco à vela**

**Tarde. Exterior**

**Imagens, Amélia (voz)**

ET: 30

Uma vista do barco à vela viajando para Inhambane.

Cidade

Voz off de **Amélia** lembrando o que aconteceu

**Amélia**: Eu tinha decidido que queria viver. Mas ainda nem sabia bem como é que iria fazer. Parecia que estava uma pessoa viva ali - no meu próprio estomago. Naquele momento não me parecia sequer que os medicos seriam capazes de tirar todas as minhas dores...

Termina em imagens do mar

**Sequência 31**

**Barco à vela.**

**Tarde. Exterior.**

**Rungo,Luísa, Amélia, Extras**

ET: 80

Plano sair do mar para o barco

**Amélia** está deitada na frente do barco vomitando.

**Luisa** apanha um pouco de água salgada

Dá a **Amélia** para ela lavar a boca

**Rungo** – Oh não, lá se vai o meu coco. Ela deve estar muito doente.

**Luísa** – Onde é que a encontrou?

**Rungo** – Alguem a deixou na estrada perto da Maxixe.

**Luísa** (*pensativa*) – É muito bom da sua parte ajudar-nos.

**Rungo** – Não é nada.  
**Luísa** – Pode ajudar-me a levá-la para o hospital?  
**Rungo** – Não há problema. Ela está mal, não está?  
**Luísa** – Está sim. Eu não sei o que fazer... não posso ficar com ela aqui ... o meu marido matava-me se soubesse onde é que estive o dia todo.  
**Rungo** – Paece que precisa de ter uma boa conversa com ele.  
**Luísa** – Não é fácil falar com ele...Você sabe como é.  
**Rungo** – Bom, sim...eu acho mais fácil viver com os cocos.  
**Luísa** – Mas não tem mulher?  
**Rungo** – Eu tive... mas ela morreu há já algum tempo. E eu nunca quiz substitui-la. Fiquei assim e parece que ninguem me quer...  
**Luísa** – Oh, desculpe.  
**Rungo** – (Rindo) Não se preocupe. Estou cansado desta cerimónias – morte, casamento, substituições forçadas, problemas de família ... tudo menos olhar a pessoa tal como ela é...  
**Luísa** – Oh sim, sei bem do que está a falar.

**Luisa** olha de novo para a mãe e depois fixa o horizonte  
**Rungo** abana a cabeça

**Sequência 32**  
**Ponte de Inhambane/Inhambane**  
**Tarde/Exterior**  
**Rungo, Luísa, Amélia, jovem**

ET: 45

O barco chega a Inhambane.  
**Rungo** carrega as duas mulheres para a praia.  
**Rungo** tira depois os seus sacos do barco.  
Está alguém (um jovem) com um Tchova à espera dele.

**Luísa** - Ela está pior. Por favor, Rungo, vamos depressa!

**Rungo** coloca os sacos no tchova.  
Avançam pela ruas a grande velocidade (**Luisa** ajuda **Rungo** a puxar) ...

**Sequência 33**  
**Hospital. Inhambane**  
**Fim de tarde. Exterior**  
**Rungo, Luísa**

ET: 45

Chegam ao hospital e **Luisa** leva **Amélia** para dentro.  
**Rungo** abana de novo a cabeça e senta-se no tchova com os cocos  
Começa a abrir um e deita a casca para perto

Monte de cascas de cocos

**Luísa** sai e descobre que **Rungo** ainda está ali à espera.

Este salta do carro e vai ter com ela

**Luísa** - Sr. Rungo, ainda aqui está!

**Rungo** – Eu não queria abandonar uma senhora num momento destes. Então, o que é que eles dizem?

**Luísa** – Disseram que era um problema com os intestinos. Deram-lhe comprimidos e injecções. Pensam que ela poderá estar boa daqui a algum tempo.

**Rungo** – Ainda bem...

**Luísa** – Eu...eu sinto-me terrível em deixá-la aqui.

**Rungo** – Mas ela vai voltar com certeza

**Luisa** – Espero bem que sim. É que ela desapareceu de casa sem dizer nada a ninguém. Anda com a mania de que tem um espírito do estomago

**Rungo** – Afinal era isso? Aqui em Inhambane os espíritos não são um problema, são uma praga! Mas com certeza ela volta.

**Luisa** – Espero que sim. É que eu não posso esperar por ela. Tenho que voltar para a minha casa.

**Rungo** – Vamos então, eu acompanho-a até ao porto.

Eles caminham lado a lado.

**Rungo** ainda tem os seus cocos no Tchova.

Eles caminham através das ruas até ao porto. Imagens deles recortadas com imagens bonitas da cidade e paisagem

Sente-se alguma animação na conversa

É por do sol.

O barco à vela parte

Rungo diz-lhe adeus e empurra o seu carro.

#### **Sequência 34**

**Hospital. Escola Emilia Dausse**

**Tarde. Exterior**

**Amélia**

ET: 30

**Amélia** sai do hospital aparentando estar bastante melhor.

Calcorreia as ruas...

...acabando por chegar a uma sombra dum parrot que dá para a baía.

**Amélia** – (Off) Luisa tinha-me deixado dinheiro para regressar. Mas ela não sabia o que é que o Raul tinha feito. Eu já tinha decidido não voltar. Iria provocar uma enorme confusão na família e a minha filha é que acabaria por sofrer.

Senta-se.

**Amélia** (continua o off) - (Pela primeira vez) Agora, estava entregue a mim própria...mas eu não podia desistir. Eu tinha

que encontrar forma de cumprir o desejo de Kwamba ...

Ela deita-se num banco para dormir.

**Sequência 35**

**Igreja cristã e muçulmana**

**Tarde. Exterior**

**Amélia**

ET: 30

É nascer do dia.

Amélia levanta-se

Ela vê um homem a correr a alta velocidade, vestindo um robe e um chapéu.

Corre para a mesquita.

Amélia bate à porta de uma casa e recebe uma nega de emprego de uma cooperante branca

**Amélia** vai-se sentar num passeio da marginal

Meio minuto depois ela ouve o chamamento do padre.

Sorri para si própria e levanta-se.

Começa a andar.

Vai até à mesquita ...

e depois até à Igreja.

Ele pede ajuda a uma pessoa que passa. Esta recusa.

Amélia olha. Vai estender a mão de novo

**Sequência 36**

**Mercado**

**Manhã. Exterior**

**Amélia, Rungo, Empregado, Extras**

ET: 90

A pessoa recusa

**Amélia** está no mercado central.

Senta-se do lado de fora e começa a pedir de novo.

As pessoas ignoram-na.

Uma criança ri para ela.

**Rungo** aparece com o Tchova cheio de cocos.

**Rungo**- Vovó. Está por aqui?

**Amélia** – Alô meu filho! É muito bom ver-te.

**Amélia/Rungo** (juntos) Viu a Luisa?

Amélia abana a cabeça.

**Rungo** – Eu também não a vi - infelizmente. Ficou curada?

**Amélia** – Sim, a dor desapareceu passado uma semana.

**Rungo** – E agora, o que vai fazer?

**Amélia** – Eu preciso de sair daqui. Não estou a conseguir. Não sou uma pedinte muito boa.

**Rungo** – Não se preocupe! Nós havemos de arranjar alguma coisa. Deixe-me ir entregar estas porcarias e depois vamos pensar num plano.

**Rungo** vai com **Amélia** entregar os cocos.

Depois, ele leva **Amélia** para uma esplanada perto do café.

O pessoal não gosta do visual de **Amélia**.

**Rungo** – Empregado!. Eu vou tomar uma grande sandes de queijo e manteiga, e dois cafés com muito açucar. Ouviste?

**Empregado** – Sim senhor.

Uma velha vem ter com eles a pedir.

Rungo ignora mas Amélia dá-lhe um bocado do seu pão. (*where did this bread appear from?*)*a comida chega* (*verificar este pedaço*)

**Amélia** – Eu sei o que isso é. Uma mão ajuda a outra.

**Rungo** volta-se para **Amélia**.

**Rungo** - Avó. Você não pode ir viver com Luisa?

**Amélia** - Não, Rungo. Não é possível. Não quero criar problemas entre ela e o marido.

**Rungo** - Há mais alguém com quem possa viver?

**Amélia** - Não. Não tenho mais ninguém...

**Rungo** - Esse é um problema sério ...

**Amélia** - Disseram-me no hospital que há um centro para idosos não muito longe daqui. E parece que não é mau de todo...

**Rungo** - É disso que você está a precisar.

**Amélia** - Espero que eu possa ter lá um canto para viver em paz

**Rungo** - Vamos ver. (*a comida chega*) Quando acabarmos de comer...

Rungo deita uma pedaço de comida à boca

### **Sequência 37**

**Estrada, Casa de Amélia**

**Tarde. Exterior**

**Rungo, Amélia, Moisés, Beatriz, Fabião**

ET: 70

No caminho para o centro.

Rungo vai mastigando um coco  
**Amélia** caminha ao lado do Tchova.  
Eles passam junto da antiga casa de **Amélia**  
É um cruzamento da estrada principal

**Amélia** - Eu costumava viver aqui antes de o meu marido morrer. O meu filho e a mulher dele vivem lá agora.  
**Rungo** - Afinal? Quer ir lá para cumprimentar?  
**Amélia** - Não, é melhor que eles não me vejam. Mas, Rungo, eu deixei uma coisa perto da casa. Preciso de a ir buscar.  
Pode-me ajudar?  
**Rungo** – Claro.

Deixam o Thcova debaixo de uma árvore.  
Caminham ao longo do carreiro.

**Amelia** – Vamos só dar uma olhadela na minha antiga casa, tá bem?

Param perto da casa. Espreitam  
Existem poucos animais e o lugar está desorganizado e sujo.  
Os potes da cozinha e ferramentas estão atirados para o chão.

**Amélia** - Este foi o sítio onde vivi com o meu marido durante mais de 40 anos. Olha para ele agora !  
**Rungo** – Espere! Parece que vem aí alguém!

Eles ouvem vozes vindo do lado da casa.  
**Beatriz e Moisés** estão chegando.  
O diálogo entre eles passa-se ao longe

**Beatriz** – Moisés, eu disse-te para trazeres alguns ovos!  
**Moises** – Já não existem, Beatriz! Eu disse-te. Andaste a matar as galinhas todas para fazer as tuas festas...  
**Beatriz** - Oh cala-te! Tu gostas mesmo é da vida que levavas antes não é? Que marido eu arranjei....

**Amélia** abana a cabeça.  
**Rungo** passa-lhe o braço e gentilmente empurra-a para regressar..

Caminham ao longo do carreiro  
**Amélia** indica a árvore grande onde escondeu o dinheiro.  
À distancia, eles vêem **Fabião** sentado debaixo da árvore.  
Está a tentar arranjar o rádio com as peças espalhadas no chão à volta dele

**Amelia** - É o meu neto. Olha, Rungo, você tem de me ajudar.  
Eu enterrei algumas coisas debaixo daquela árvore. Pode

distrair a atenção do rapaz?

**Rungo** – Eu posso distrair a atenção de qualquer pessoa... Vá por ali

**Amélia** embrenha-se na floresta

**Rungo** caminha um pouco e chama **Fabião** de longe.

**Rungo** – Ei, miúdo, anda cá!

**Fabião** levanta-se e **Rungo** espera que ele se encaminhe para ele.

**Fabião** chega com o rádio aberto...

**Rungo** - Boa tarde filho.

**Fabião** - Quem es tu?

**Rungo** - Eu sou o Rei dos Cocos. Estou aqui numa missão importante. Estou a estudar todos estes coqueiros que existem aqui... estou a inspecionar os meus soldados (*faz gesto de acordo*) mas, o teu rádio, parece que não funciona, é isso?.

**Fabião** – É, e é o rádio da minha mãe.....

Parece estar preocupado.

**Rungo** – Deixas-me tentar? Eu gosto de reparar rádios.

**Fabião** – Se conseguires.

**Rungo** começa a mostrar como sintonizar o rádio.

Entretanto, **Amélia** chega junto da árvore

Procura a pedra, pega nela e começa a cavar..

**Fabião** – Consegue sintonizar mesmo?

**Rungo** – Não te preocipes. É preciso apenas ligar estes dois fios aqui. Pronto, já está!

**Fabião** – Ena pá! Deixa-me ir buscar a tampa...

**Rungo** – (Fala alto) Cuidado, anda devagar senão a sintonia perde-se

**Amélia** esconde-se atrás da arvore

**Fabião** chega junto, pega na tampa do rádio e volta a correr

**Amélia** sai da trás da arvore e continua a cavar.

Consegue chegar ao garrafão.

Tira-o para fora e embrenha-se novamente na floresta.

De longe vemos **Rungo** e **Fabião** a dançar.

Depois **Rungo** despede-se e caminha em direcção à camera ... enquanto **Fabião** vai em sentido da casa.

**Sequencia 38**

**Estrada**

**Fim de tarde. Exterior**

**Rungo. Amélia**

**Rungo e Amélia** estão de novo na estrada com o Tchova  
Amélia limpa o garrafão da areia

**Rungo** - Vocês mulheres têm sempre um trunfo escondido...

**Amélia** - Este trunfo até me foi dado pelo meu marido

**Rungo** - Olha, Amélia. Tem a certeza que não quer que eu procure Luisa?

**Amélia** - Não. Este não é o momento certo. Eu não quero criar-lhe problemas com Raul. Vou para a Casa das Amigas. Tenho que ser paciente

**Rungo** - *(para ele próprio)* Bem, parece que tenho de ter paciência também.....

Continuam ao longo da estrada e chegam ao centro.

**Sequência 39**

**Centro**

**Noite. Exterior**

**Amélia, Laurinda**

ET: 60

Plano mostra o centro.

Já é noite.

**Amélia** acaba de contar a sua história a **Laurinda**.

**Amélia** - ...e é assim que eu cheguei aqui.

**Laurinda** (pausa) – É uma história triste, **Amélia**.

**Amélia** – É uma história de viúvas. A nossa herança. Já deves ter ouvido muitas, talvez piores. Aqui a Casa das Amigas está cheia delas

**Laurinda** acena com a cabeça.

**Laurinda** – Percebo porque é que está preocupa com a visita do seu genro.

**Amélia** – Estou preocupada de facto. Muito até. Deus sabe o que é que Raul me quer depois de este tempo todo *(falando para dentro)* Talvez ela queira vir acabar o seu trabalho....

**Laurinda** – Lembre-se, você não tem de ir. Haverá sempre um lugar para si aqui. Eu hei-de fazer o que for possível para ajudá-la.

**Amélia** – Obrigado minha querida. Mas será bom ver a minha filha Luisa de novo.

**Laurinda** levanta-se e vai-se embora.

**Amélia** fica sentada por algum tempo.  
Levanta-se e vai para a palhota dela.

**Sequência 40**

**Centro**

**Manhã. Exterior**

**Amélia, Laurinda, Maria, Luísa, Rungo, Extras**

ET: 180

A mesma palhota com outra luz

Manhã seguinte.

**Amélia** está sentada no seu lugar habitual.

Parece nervosa.

Cada vez que passa uma pessoa ela olha em volta para ver quem é

Ela olha para cima e vê a neta, **Maria**, a correr para ela

**Maria** – Avó! avó! Viemos-te buscar!

**Amélia** começa a chorar.

**Amélia** - Maria! Oh – Eu pensei que nunca mais te veria!

Quando olha para cima vê a sua filha, **Luisa**

Eles abraçam-se todos.

**Luisa** senta-se na esteira

**Luísa** - Mãe! Finalmente encontrei-a!

**Amélia** (olhando em volta) - ...mas onde está Raul? Eu pensei que ele vinha com vocês...

**Luísa** - Raul? Ele morreu há já seis meses... ficou doente durante muito tempo. O curandeiro disse que era minha culpa, mas toda a gente sabe que era essa coisa do Sida

**Amélia** - Esse curandeiro! Mas, como é que me encontraram?

**Luísa**: - Lembras-te do Rungo, não é? Ele tem sido de uma grande ajuda para nós...

**Amélia** - Eu conheço melhor do que tu pensas... ele ajudou-me a sobreviver.

**Luísa** - Ele não me disse que te andava a visitar!

**Amélia** - Não disse? Sabes Luisa, é difícil encontrar um homem como Rungo.

**Luísa** - (virando-se para a mãe) Sim, percebo.. Depois de Raul morrer, eu tentei encontrar-te de novo. Então na semana passada fui à procura do Rungo para saber se ele me poderia ajudar outra vez...

**Rungo** (off) – O que é que estão a falar de mim?

**Rungo** caminha com **Laurinda**

**Amelia** - Rungo! É bom voltar a ver-te. Então foste tu que os trouxeste aqui!

**Laurinda** chega junto de **Luisa** com uns papéis.

**Laurinda** – A senhora é a filha, não é?

**Luisa** – Sou sim...

**Laurinda** – Pode-me acompanhar? Eu gostaria de falar consigo...

**Luisa** levanta-se e vai falar com **Laurinda**.

**Rungo** senta-se ao pé de **Amelia**.

**Rungo** - A Luisa ficou muito feliz quando lhe disse o que se tinha passado.

**Amélia** - (para Rungo) Sim, e ficou muito feliz por ter ver de novo...

**Rungo** - Verdade?

**Maria** - Verdade!

**Amélia** - E agora o que é que vais fazer? Espero que não vás desaparecer...

**Rungo** - Não. Agora a minha grande ambição é encontrar uma rainha dos cocos.

**Amélia** – Verdade? Rungo! Tem alguma pessoa na cabeça?

**Rungo** – Bem... de facto .... eu tenho...se ela aceitar... mas eu não tenho dinheiro.

**Amélia** - Estou segura que vai aceitar..

**Rungo** – Mas primeiro tenho que colher milhares e milhares de cocos para pagar o lobolo.

**Maria** - Eu ajudo-te!

**Rungo** – Obrigado, filha (*Sorriso de agradecimento mas triste*).

**Amélia** – Rungo, eu tenho qualquer coisa para te dar. Umas coisinhas que estavam enterradas debaixo da árvore...

**Maria** – São sementes?

**Amelia** - Sementes? Ah sim! São sementes que não podia deixar morrer.

Amélia levanta-se e vai para o interior da casa dela.

Amélia regressa carregando o garrafão e dirige-se a **Rungo**.

**Amélia**: Olha, Rungo. Eu não estou interessada no lobolo.

**Rungo**: Não está?!

**Amélia**: Nem um pouco.

**Luisa** e **Laurinda** regressam

**Laurinda**: Viva, vamos celebrar!

**Amélia**: (indicando o garrafão). Rungo, por favor parte-o!

**Rungo** - Partir?  
**Amélia** – Sim, por favor

**Amélia** sorri.

**Rungo** pega num ferro e parte o garrafão

As notas espalham-se

**Amélia** debruça-se com cuidado e encontra o anel no meio das notas

**Maria** começa a recoher as notas com **Laurinda**

Sorri para **Rungo**

**Amélia** – Agora que eu sei que estas sementes podem produzir uma boa árvore, eu posso morrer em paz.

**Luisa**: Não me fale mais em mortes, mãe!

**Amélia**: Rungo, isto é para ti, para Luisa e para Maria. É a minha herança. A herança da viúva

Plano fechado das mãos de **Amélia** a darem o anel a **Rungo**.

Freeze frame

**Amélia**: Eu sempre precisei das tuas mãos

**Rungo**: Uma mão ajuda a outra

Entra música e créditos finais.

**FIM**

---

Todos os acontecimentos deste filme foram baseados em factos reais, a maioria dos quais contados por viúvas do Centro de Massinga.

Não é possível contar as mulheres deste país com histórias semelhantes.

Mas, as suas vozes precisam ser ouvidas...